Na pintura de Benvindo foi eliminado o objecto. O quadro é o objecto. Uma lógica na construção e uma seleção criteriosa da cor, resultam numa harmonia completa entre a obra e a personalidade do artista, pelo que não se pode dizer que a execução é gratuita ou sequer a expressão de mera emanação do inconsciente.

Benvindo consegue conciliar, no seu expressionismo abstracto, a liberdade de conceção muito próxima do expressionismo lírico de Kandinsky, contida e meditada, com a contenção dos impulsos, denunciando um temperamento calmo e pacífico. Contraria, assim, os pressupostos do expressionismo abstracto, herdeiro do expressionismo alemão e que é a expressão de uma natureza selvagem e exaltada. A organização formal aproxima-se dum Stael com a harmonia cromática dum Soulages e alguma liberdade e espontaneidade dum De Kooning.

Correndo o risco de fazer uma pintura ornamental, quer pelas suas dimensões, quer por aparente falta de conteúdo, Benvindo surpreende-nos ao revelar um conteúdo riquíssimo, pleno de sugestões, com uma dinâmica de linhas e contrastes, num misto de superfícies texturadas e de ilusões de atmosferas. Deste modo, consegue alcançar o objectivo principal da pintura – empatia entre o artista e o observador da sua obra. E ao contrário da pintura de tese ou descrição literária, que, muito embora possa ser uma proposta aliciante, mas perde por possuir a fragilidade da aparência e da evidência, porque tendo uma leitura fácil, perde o interesse após a identificação, Benvindo dá-nos a oportunidade de recriarmos a sua pintura, de encontrar o objecto da sua inspiração, de descobrir uma realidade nova.

João Coutinho